



# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

## Violência em cores

*M.e Luciano Ferreira Alves<sup>1</sup>*

**A**prendemos na escola que o branco é a somatória de todas as cores e que o preto é a ausência de qualquer luz. Assim aprendemos cores, e assim acreditamos vê-las, embora em verdade não as vejamos desse modo. Esta definição, chamada cor-luz, refere-se à percepção de cor diretamente da fonte luminosa: o Sol, as lâmpadas e, hoje, as telas azuladas que nos cercam. No vibrante e às vezes assustador mundo fora dessas telas, onde vivemos de fato, as cores nos chegam de outra forma. As cores do mundo nos vêm pelas texturas, pelas superfícies dos objetos de nosso olhar e não por pontos de luz. Assim

---

1. Mestre em Educação (FE-USP), especialista em Teologia das religiões afro-brasileiras (FTU) e bacharel em Artes Cênicas com Habilitação em Direção Teatral (ECA-USP).

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*M.e Luciano Ferreira Alves*

pensando, o branco é ausência de cor e o preto é a saturação, a soma em seu limite, de todas as cores.

*Violência em cores* é uma coletânea de textos inspirados numa exposição de mesmo nome realizada durante a Semana de Consciência Negra em novembro de 2019, no Fórum da Comarca de Itanhaém. Os textos que a integram, reunidos e organizados por Mãe Maria Elise Rivas, Íyá Bê Ty Ogodô, retratam mais que opiniões e considerações sobre um tema, retratam vivências sob diversos pontos de vista.

Enquanto objeto, o livro é visualmente chamativo, há muitas cores, cores fortes, contrastantes e vibrantes. Por vezes temos de nos esforçar um pouco na leitura dentre tantas imagens, todas profundamente relacionadas com os conteúdos abordados. Felizmente não há “preto no branco,” há, sim, uma profusão de contrastes e de tensões, a verdade abordada no livro é uma pedra multifacetada, um otá cujos fundamentos são expostos em faces espelhadas e multicoloridas. É uma obra que acompanha nossos dias, fragmentada, não linear, não aristotélica, de uma convergência alheia a paralelismos. Ou seja, cada capítulo se encerra em si, não precisa ser lido na ordem. A sucessão de narrativas não acompanha um arco e todas elas, cada uma à sua maneira, apontam para o mesmo tema.

*Violência em cores*

No que se refere ao discurso, somos guiados por sensações variadas e intensas e a sucessão de imagens é mais uma das narrativas. A ordenação dos textos faz da leitura um percurso que oscila entre a identificação e o desespero, a revolta e a conscientização, o ódio e a solidariedade. Não há dualidades, há intervalos, espectros, matizes do conceito de empatia. A cada primeira página de um ensaio somos apresentados antes a uma silhueta e a um estilo de escrita, um convite a conhecer e descobrir o autor do tomo, antes de uma minibiografia e uma foto, que encontraremos na página seguinte, quando já estamos em plena relação. Num mundo alheio ao preconceito, a etnia, o gênero, idade, a orientação e identidade sexuais não imporiam demérito a qualquer fala. Somos convidados a iniciar esta escuta de olhos fechados, ouvindo as cores das palavras no estilo, cadência, entonação e sotaque de quem se propôs a se desnudar por extenso, contando sua vivência ou compartilhando conosco sua mobilização crescente à medida que mais cores dessa violência se revelam.

Nesse panorama que nos é apresentado percebemos que as abordagens, das mais abrangentes às mais específicas, não extinguirão o tema. Pelo contrário, entendemos que o racismo se espalha no tempo e no espaço de maneira intensa e difu-

*M.e Luciano Ferreira Alves*

sa. Que é um fenômeno que marca a história do país desde seu início e que atitudes conscientes tomadas no passado ecoam hoje e continuarão ecoando até que força de igual intensidade consiga reverter pouco a pouco essas ondas. Este racismo mostra-se, através dos muitos relatos, elemento estrutural de nossa sociedade. Os relatos pessoais dão a dimensão de conquistas, expectativas, frustrações, sofrimentos e atitudes decorrentes exclusivamente desse caractere do contexto. Os ensaios mais distanciados, porque rigorosamente acadêmicos, dão-nos precisão em números do tamanho desse impacto. A maior parte desses números é de mortes, e de mortes em vida, pelo encarceramento, pelo estigma, pela negação da identidade.

Há vítimas e muito sofrimento em *Violência em cores*, mas não há derrotados, nem apologia da culpa. Somos convidados a entrar, sentar e partilhar um tanto da vida de cada um dos relatos, e somar à nossa percepção de mundo cada um dos dados. Há muitos pontos de vista, muitas interpretações e muitas posturas e atitudes frente ao objeto racismo. A postura é sempre de fazer notar a desigualdade e tentar encontrar meios de estabelecer isonomia, algo ainda não alcançado.

O que dá cor a este livro é a forma de pensar específica da afro-brasilidade. Uma visão de mundo baseada em valores

*Violência em cores*

inclusivos, de união, comunidade, compartilhamento e respeito. Um mundo de muitas verdades, vistas de muitos ângulos, respeitando e contemplando ao mesmo tempo o individual e o coletivo. Não é um preto no branco, nem uma segregação do mundo em cores que unidas comporiam um branco. É um mundo multicolor em que a luz refletida em cada nuance nos impressiona o fundo dos olhos em sensações diferentes. O negrume e a intensidade do livro são a somatória de todas as vozes que o compõem. É um relato atual, original, abrangente e referenciado do tema, tem muito mais que o necessário para compor a lista de livros de referência no assunto sem deixar de ser um encontro fraterno e emocionante com cada um dos autores.

**Figura 1** - Reprodução da capa do livro *Violência em cores*

**Fonte:** reprodução do site da editora (<<https://www.archeeditora.com.br/product-page/viol%C3%Aancia-em-cores>>).

